

CONFRONTO E CONTRASTE DA LITERATURA TRIVIAL E LITERÁRIA

Delma das Graças Silva Viana

Por que falar de leitura? já não se teria ao longo do tempo e de inúmeros trabalhos esgotado o assunto sob os mais diversos ângulos, principalmente, o histórico, sócio-cultural? Apesar disso, não parece essa discussão estar vazia de sentido. Retomar tal assunto objetiva analisar, uma vez mais, essa ampla e díspar temática, pois a atividade de leitura faz-se presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas.

Tal presença é, sem dúvida, tão marcante e abrangente que a própria instituição escola, principal responsável pelo ensino do registro verbal da cultura nos dias atuais, concebe o livro, didático ou não, como instrumento básico. Em verdade, seria difícil pensar em uma escola onde o ato de ler não estivesse presente.

Assim, a leitura, em suas diversas abordagens, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, lidar com a ciência, com a cultura e o processo de trabalho, uma vez que se trata da vida do cidadão em uma sociedade global e complexa.

Para relacionarmos a questão leitores medianos e críticos, cabe-nos abordar algumas concepções de leitura:

Informativa - aquela que visa apenas à coleta de informações para determinado propósito (SALVADOR, 1980, p. 102). E, MARTINS (1995 "leitura caracterizada como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)".

Ainda, de acordo com KOCH (1987), criou-se a noção de competência comunicativa que envolve não só a competência estritamente lingüística descrita por CHOMSKY. Mas também todas as habilidades e comportamentos exigidos dos parceiros nos jogos de interação verbal desta competência é que se situa a competência de leitura, entendida como "atribuição de sentido", por isso ler "significa ser questionado pelo mundo e, por si mesmo, é o meio de interrogar a escrita.

A interface desse processo encontra-se entre a análise do discurso e a desconstrução que considera o ato de ler como um processo discursivo no qual inserem os sujeitos produtores de sentido - o autor e o leitor, ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente construídos.

Para entender autor e leitor como sujeitos produtores de sentido, deve-se lembrar as diversas formas de uma sociedade ver a realidade, dividida pelos interesses antagônicos dos diferentes grupos sociais, que produzem idéias contrárias entre si, baseadas nas condições de existência de um povo em determinada época, com suas concepções, anseios e temores. "É jogo existente entre leitor virtual e o leitor real" (ORLANDI, 1999, p. 9).

Por isso, questionamos algumas definições de leitores, pois as mesmas contemplam como leitores o indivíduo incapaz de estabelecer uma relação de confronto, porque os sentidos que podem ser lidos em um texto, não estão necessariamente nele, e sim pode haver determinações de natureza histórica, social, lingüística, ideológicas e outras.

Para que possamos entender o sentido que as palavras assumem, hoje, neste contexto caracterizado pela globalização, é fundamental que o homem expresse e defenda pontos de vista, partilhe e construa sua visão de mundo, produza conhecimento, e pratique o exercício da cidadania, é preciso redirecionar os saberes, entender qual é o papel da leitura (de livros ou eletrônica).

Acreditamos que o leitor crítico busca sintonia da sua historicidade com a do autor (virtualizado no texto). No entanto, essa relação não é direta, nem automática, já que nem o sujeito, e tampouco o texto são transparentes. Por isso, para chegar à compreensão do lido; é preciso ir ao contexto de situação (imediato e histórico), pois, segundo ORLANDI, "o sujeito que produz leitura a partir de sua posição, interpreta".

Porém essa situação não é tranqüila, se levarmos em conta que, "além do analfabeto que não teve chance de aprender a ler, há outro tipo de iletrado, o que cultiva a "ignorância" desejada. É a atitude de quem não dá importância à cultura, mesmo sendo escolarizado" (MANGUEL, 1999, p. 11).

Assim o leitor, hoje, em qualquer concepção em que seja compreendido, assume várias máscaras, que vão da pacata dona de casa, na leitura de entretenimento, ao estudante, que lê para obter nota. Até o próprio escritor tornar-se leitor para privilegiar as diferentes identidades de leitores, tentando acompanhar o ritmo dos avanços tecnológicos.

O leitor não se mostra figura unidimensional, nem unidirecional. É exatamente o que é fugidio em sua história. Essa posição vale tanto para o aluno obrigado a escrever uma redação que lhe garanta nota mínima na prova, quanto ao festejado autor de best-sellers milionários, pois tanto o professor que encomenda a redação quanto o público que deve consumir o romance, ambos precisam encontrar, no texto, o que nele foram buscar.

Nesse sentido Fernando Pessoa retrata com muita propriedade a questão do leitor (crítico ou não), quando diz:

(...)

"E os que lêem o que escreve

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm".

Assim, ao analisar a relação leitura - livro, no Brasil, hoje, não se pode denominar de um país de leitores, pois o brasileiro consome apenas 2,3 livros ao ano, em detrimento aos 6 livros consumidos ao ano na França e dos 11 nos Estados Unidos. No Brasil, 60% dos livros vendidos no país são os de "consumo obrigatório" didáticos e paradidáticos, boa parte deles adquirida pelo governo para distribuição gratuita nas escolas.

Todo esse processo do que seja leitor - aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu, ou o significado de um novo texto afasta, afeta e redimensiona o significado de todos os outros (LAJOLO, 1993, p. 53), sem estabelecer um processo interativo, ao simples ato de decifrar códigos escritos. Assim, o mercado industrial passa ser o principal incentivador da leitura, na medida em que aspira a garantir sua expansão crescente ou, ao menos, assegurar sua sobrevivência.

O livro deste modo, revela sua face de mercadoria voltada ao consumo indiscriminado de boas e más obras, pois se vale da propaganda que alardeia as virtualidades do objeto. Neste prisma, entra o leitor que engloba a leitura vinculada à repetição mecânica, em um procedimento automatizado e impessoal, conforme requer a norma industrial.

Tivemos a oportunidade de constatar essa prática *in loco* em pesquisa realizada em Rio Verde - GO, quando uma de nossas perguntas nas entrevistas realizadas, em uma amostragem de sujeitos em seis categorias selecionadas e consideradas cidadãos bem sucedidos, quer econômica, social, profissional, intelectual e/ou culturalmente. Sessenta e dois por cento dos entrevistados consideraram-se leitores.

A contradição dessa resposta revela-se no questionamento: Quantos livros você lê por mês. Quarenta e quatro por cento responderam nenhum; quarenta e um por cento um livro.

Constatou-se então, que os sujeitos entrevistados são, na verdade, leitores de assuntos e não sujeitos produtores de sentido.

No questionamento quanto à preferência de leitura, setenta por cento dos entrevistados, enquadram-se no modelo de leitura informativa, que segundo GIEHRL é considerado por ele como o tipo mais freqüente e genérico. A principal motivação para esse modelo de leitura para os indivíduos leitores é a necessidade de orientação na vida e no mundo.

Somente dez por cento disseram ler outras obras, que constatamos serem religiosas, de auto-ajuda ou esotéricas. Esse modelo de leitura é constatado não só entre os sujeitos de nossa investigação, dentre outros países, por exemplo na União Soviética, o livro é encarado como símbolo de status, e esse status é de grande importância entre os nossos sujeitos. Diante dessa análise, entendemos o porquê de a maioria dos entrevistados dizer que as leituras escolares não tiveram conseqüências positivas em sua escolha e desempenho profissional.

Outro dado que nos chamou atenção quanto ao tipo de literatura consumida foi quando ao perguntar se o indivíduo comprava livros, revistas ou jornais com freqüência, Cinquenta e um por cento disseram que compravam revistas ou jornais, livros não; só lêem livros quando ganham, ou, às vezes, tomam emprestado, apenas dois dos entrevistados disseram que vão à biblioteca. A diferença de quem compra, mesmo revistas e jornais com freqüência, é muito pequena em relação a quem não compra nenhum tipo de literatura.

Esse índice confirma uma pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi em que diz ser a leitura diversão favorita de apenas seis por cento dos entrevistados, contra os trinta e seis por cento dos adeptos da TV, confirmando, também, o baixo consumo de livros, 2, 3 livros per capita ao ano, índice muito inferior aos países desenvolvidos.

Na questão: você acha que os atuais recursos eletrônicos inibem a leitura? Por quê?

Sessenta e oito por cento responderam que os atuais recursos eletrônicos inibem qualquer tipo de leitura, e as razões são diversas, vão desde preferência individual, a serem mais atraentes e acessíveis, entre outras.

Há algum tempo já se tem discutido essa questão, em 1998, realizou-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro, um seminário internacional sobre imagem, cultura e educação, o objetivo, segundo os organizadores - MEC, era aprofundar o debate teórico sobre uma complexa questão colocada hoje para a escola "como atuar nesse novo 'ecossistema', comunicativo que domina os vários espaços da vida social e do qual emerge outra cultura, ou modo de ver e ler, de pensar e aprender".

Não podemos negar a influência do audiovisual em nossa linguagem, em nossa cultura, nem dizermos que a mesma foi melhor ou pior, houve mudanças, e os critérios para avaliá-las devem ser cuidadosamente analisados.

Paradoxo encontramos na questão: Você considera a leitura importante na vida das pessoas? Cem por cento dos entrevistados consideraram a leitura importante, mesmo alegando não terem tempo para ler, fazendo uma leitura, na maioria das vezes, apenas relacionadas à sua profissão, adquirindo livros esporadicamente, lendo apenas nos fins de semana ou feriados, consideraram a prática da leitura fundamental para a vida.

Nesse ponto, nem podemos considerar criticidade ou não no leitor, ele simplesmente diz que a leitura é importante, mas não há sequer leitura, ao menos, se considerarmos que, na história da humanidade, a leitura sempre representou papel importante; foi a responsável pela primeira divisão do homem em classes sociais; serviu como justificativa à repressão pela Igreja, pelo Estado, deu ascensão a uns; queda a outros.

Uma dificuldade encontrada por nossos entrevistados foi quando tiveram que citar obras de leitura pessoal, que fossem consideradas bastante agradáveis. Sessenta e quatro por cento

citaram revistas técnicas, obras religiosas, auto-ajuda e/ou esotéricas, mesmo sendo obras consideradas agradáveis, poucos se lembraram do nome do último livro lido. Esse dado encontra-se respaldado por alguns autores da literatura especializada que dizem: O importante é dizer que lêem livros, mesmo sem saber quais.

Em relação ao acervo particular sessenta por cento têm em seu acervo apenas obras específicas de sua área, e quarenta por cento possuem exemplares para leitura pessoal, nos quais predominam as obras de auto-ajuda e/ou religiosas, significando que a denominada literatura "trivial", assim denominada por nós, prevalece à literatura literária na qual acreditamos estar configurado o ato de ler em toda sua plenitude, pois se quisermos inculcar o hábito da leitura precisamos ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento e motivar a criança a ir ajustando o conteúdo de suas leituras.

É preciso fazer da leitura um hábito determinado por motivos permanentes, e não por exigências mutáveis. Para que não tenhamos, apenas leitores circunstanciais, e sim um contínuo contato com livros e métodos que levem a uma prática de leitura eficaz e permanente.

Enfim, segundo BAMBERGER, a tarefa do futuro consiste, portanto, em orientar as crianças para uma leitura sistemática e aumentar o tempo que elas gastam diariamente lendo. Se isso for deixado ao acaso, outras ocupações se mostrarão mais convidativas.

Esta questão fica constatada em nossa pesquisa quando verifica-se que o ato de ler é considerado, apenas como coleta de informações para determinado propósito (literatura trivial), não como uma idéia de diversidade e pluralidade oferecida pelos textos.

No entanto, temos consciência de que nada adiantaria estarmos insistindo na constatação dos problemas referentes à leitura (trivial ou não) se não buscarmos soluções para os mesmos. Sabemos que as ações não dependem de um ou outro segmento, mas que se todos quiserem, sem

utopia, pode-se contribuir para minimizar os obstáculos que impedem o cultivo do gosto pela leitura e ou propagação desta.

Há necessidade de um trabalho sistemático, envolvendo todos que se interessam pela formação de leitores críticos, "sendo condição sine qua non para o desenvolvimento individual e social; assegurar direito à cidadania a milhões de brasileiros que sofrem processo de exclusão social, sem, ao menos, terem consciência disso" (CORTE, 1998, p. 172).

Por isso acreditamos que uma das alternativas que pode garantir a formação de leitores críticos, é a mudança de postura de professores que, ainda, não se imbuíram de uma prática pedagógica eficiente que desperte e cultive o desejo de ler.